

**A INDETERMINAÇÃO DO SIGNIFICADO COMO REFLEXO DA MUDANÇA LINGÜÍSTICA: O CASO DO VERBO DEVER\*\***

Lucia M. A. FERREIRA (UNI-RIO)

*ABSTRACT: This paper examines the indeterminacy of meaning observed in some occurrences of the modal *dever* from the perspective of the trajectory of development of the verb and hypothesizes about the cognitive mechanisms that may have triggered linguistic change.*

1. Introdução

Este trabalho examina o problema da indeterminação do sentido em um contexto bastante específico - a mudança lingüística associada ao desenvolvimento do modal *dever*. Defendo o ponto de vista de que os casos ambíguos, em que duas representações semânticas diferentes podem ser atribuídas à mesma forma, são justamente os que mais informações nos trazem a respeito dos mecanismos cognitivos que podem ter desencadeado a mudança lingüística.

Assim, tomando a indeterminação como um possível reflexo da trajetória de mudança semântica do verbo *dever*, investigo a hipótese de que a relação entre os sentidos observados, no caso o sentido deontico de necessidade, obrigação e conveniência e o epistêmico de probabilidade, é cognitivamente motivada por um processo metafórico e que o mecanismo que desencadeia a mudança é a convencionalização de uma implicatura conversacional.

Esta hipótese baseia-se principalmente (a) na proposta de Traugott (89), que prevê que a mudança lingüística pode ser desencadeada por implicaturas conversacionais que passam a ser associadas ao sentido convencional e com o tempo se cristalizam na língua e (b) nas postulações de Sweetser (84/90) e Johnson (87), para quem os sentidos de raiz dos modais são estendidos para o domínio epistêmico porque geralmente usamos a linguagem que se refere ao mundo sócio-físico para falar dos processos que ocorrem no nosso mundo mental, como se este fosse semelhante ao outro.

Embora de modo geral a literatura apresente análises em que estes mecanismos são vistos como excludentes, a análise da indeterminação do significado de algumas ocorrências do verbo *dever* em um corpus de língua em uso sugere que eles ocorrem concomitantemente.

Outro pressuposto deste trabalho prevê que os processos de mudança semântica são em geral bastante regulares e que é possível, a partir das polissemias existentes em qualquer período da língua, recapitular as mudanças ocorridas no passado (cf. Traugott 1989). Nesta perspectiva, os três usos categóricos de *dever* ilustrados em (1-3)<sup>1</sup> a seguir

\* Simpósio "A Indeterminação do Significado e os Dilemas da Atividade Interpretativa".

\*\* Alguns dos temas aqui desenvolvidos foram também apresentados no GELNE 97 e ASSEL 97. Agradeço àqueles que, com seus comentários, contribuíram para o amadurecimento das idéias propostas, em especial aos professores Sebastião Votre, Margarida Salomão e Eve Sweetser. Esclareço entretanto que sou inteiramente responsável por quaisquer erros de análise e interpretação dos dados aqui apresentados.

<sup>1</sup> Banco de Dados Interacionais - PEUL, UFRJ.

serão considerados pontos em um continuum de desenvolvimento que recapitulam as mudanças que se iniciaram no uso lexical ser devedor de (1), passaram pelo sentido deôntico de necessidade, obrigação e conveniência (2) e chegaram ao sentido epistêmico de probabilidade (3), uma trajetória de mudança em que o sentido mais concreto e específico tende a tornar-se progressivamente mais relacionado à atitude subjetiva do falante em relação à proposição.

- (1) o governo federal está devendo...só dos planos Bresser...Collor...e tudo mais...em torno de trezentos cinqüent/...trezentos e oitenta e cinco... milhões de dólares...
- (2) Por isso que eu comprei pra dar pra minha mãe. Ela merece. Devia ter comprado mais porque esse aí vende. (fala sobre um perfume)
- (3) B: [...] porque ele fica com o olho tão fechado. Parece que tá dormindo.  
A: Não é porque a lente de/ o grau já deve tá fraco.

## 2. O desenvolvimento do sentido epistêmico de dever

A mudança semântica que deu origem ao sentido deôntico de dever - necessidade, conveniência, obrigação - provavelmente se deu no latim, motivada por uma metáfora que aproxima as noções de ser devedor de e ter obrigação de. A segunda mudança é a do sentido deôntico para o epistêmico de probabilidade e será alvo desta análise. Já é fato atestado que as noções deônticas de necessidade, obrigação e conveniência e a noção epistêmica de probabilidade podem ser expressas pelas mesmas formas não só em muitas línguas indo-europeias, mas também em outras não relacionadas geneticamente<sup>2</sup>. Este fato fortalece a hipótese de que a relação entre as duas noções é cognitivamente motivada: modelamos nossas relações epistêmicas de acordo com as relações que vivenciamos no mundo sócio-físico (cf. Sweetser 84/90).

A mudança do sentido deôntico para o epistêmico tem conseqüências semânticas, pragmáticas e estruturais. Observe-se que o domínio de aplicação de dever muda de nível em (2) e (3). Em (2), dever faz parte do conteúdo proposicional, incide sobre o agente e tem como escopo o sintagma verbal, enquanto em (3), dever refere-se aos processos mentais do falante diante da situação, fato que é iconicamente representado na gramática pelo escopo mais amplo. Em (3') podemos observar que dever tem toda a proposição em seu escopo:

(3') o grau tá fraco/ deve

Há portanto reanálise na passagem do uso deôntico para o epistêmico na medida em que os elementos que estruturam o enunciado são reinterpretados e reorganizados. Resta-nos então verificar que mecanismos cognitivos poderiam ser responsáveis pela mudança semântica, pragmática e estrutural ocorrida em dever no desenvolvimento do sentido epistêmico de probabilidade.

A hipótese é que a mudança tenha se dado devido à convencionalização de uma implicatura conversacional freqüentemente associada ao sentido deôntico em

---

<sup>2</sup> Línguas que não pertencem ao grupo indo-europeu: basco, abkhas (língua caucasiana), haka (língua tibetana), baluchi (língua iraniana) (cf. Bybee et alii, 1994).

determinados contextos. Aquilo que era pragmaticamente implicado passou a ser semantizado e usado em situações em que a correlação contextual não mais existia.

Não é possível reproduzir os fatores contextuais presentes quando a mudança ocorreu, mas a evidência acerca da regularidade da mudança semântica indica que os processos são tão regulares que é possível, a partir das polissemias sincrônicas, levantar hipóteses acerca dos contextos, das trajetórias de mudança e dos mecanismos que a desencadearam.

Tomando então como partida a polissemia sincrônica de dever e levando em consideração os casos em que há sobreposição de sentidos, justamente aqueles que podem revelar como um significado pode dar origem a outro, o analista passa a ter na indeterminação do significado um importante construto teórico na medida em que ela é representativa de um estágio intermediário da mudança. Assim, nesta análise, tentarei verificar se, pelo menos do ponto de vista do analista, o sentido deontico de necessidade, obrigação ou conveniência de dever pode pragmaticamente implicar o sentido epistêmico de probabilidade.

A hipótese será testada em dois exemplos do português moderno de Portugal (4) e do Brasil (5). Em (4)<sup>3</sup>, a falante A está descrevendo o truque usado em um espetáculo circense em que uma moça é cortada por uma serra na altura da barriga e depois o mágico apresenta à platéia um saquinho com seu sangue e vísceras. A falante A está relatando o que lhe contou o apresentador do número:

(4)

A: [...] o saquinho vem dentro do vestido da rapariga.

X: pois, pois.

A: vem dentro do vestido da rapariga e a rapariga tem, ele, quem me contou foi o tal [...] que faz a apresentação em lisboa, a rapariga tem, a..., tem um cor(...), não tem praticamente barriga tem uma barriga muito, muito...

X: muito pequenina.

A: muito pequenina. e então tem o saquinho aqui, e portanto, o, quando a serra vem, ele diz que se nota, perfeitamente que é impossível que... a... no(...) nota-se perfeitamente que a serra vem até mais baixo que o corpo da rapariga, mas ela, de si própria já deve encolher a barriga quando a serra...

X: pois.

A: quando a serra passa por ali...

A atribuição de uma representação semântica para dever neste exemplo é bastante problemática. Como a falante está relatando o que lhe disse o apresentador do número, é possível que esteja se referindo ao fato de que é necessário que a moça encolha a barriga. Por outro lado, é possível também atribuir o sentido epistêmico de probabilidade ao verbo dever se imaginarmos que a falante interrompe seu relato do que dizia o apresentador e passa a falar de suas próprias conclusões a respeito da situação. Mas o que torna este exemplo interessante também é que o sentido deontico neste contexto pode implicar o sentido de probabilidade: 'se é necessário que determinada ação aconteça, ela

---

<sup>3</sup> Português Fundamental, Instituto Nacional de Investigação Científica, Centro de Linguística da Universidade de Lisboa.

provavelmente acontece'. Ou seja, é possível que a mudança semântica tenha ocorrido em um contexto semelhante, em que a expressão da obrigatoriedade ou da necessidade implica o sentido epistêmico da probabilidade.

Outro ponto a ser observado é que a reinterpretação tem conseqüências semânticas, pragmáticas e estruturais, pois envolve também uma mudança no campo de atuação ou escopo de dever. Em seu uso deôntico, representado em (4') dever faz parte do conteúdo proposicional, incide sobre o agente e afeta a relação entre o sujeito e o verbo principal, tendo como escopo o SV. Já em (4''), dever não incide sobre o agente e sim sobre toda a proposição, pois refere-se aos processos mentais da falante acerca da situação.

(4') ela...deve (ela) encolher a barriga

(4'') ela... encolher a barriga/ deve

A próxima ocorrência de dever a ser analisada encontra-se em um relato jornalístico escrito:

(5) Luiz Paulo Conde autorizou também a chamada imediata de 400 professores de Língua Portuguesa e 168 de Educação Artística, que estão no banco dos aprovados pelos concursos públicos realizados pela prefeitura em 1994 e 1995. Os novos profissionais, de acordo com as informações da Secretaria Municipal de Educação, devem começar a dar aulas ainda este semestre<sup>4</sup>.

Como no exemplo anterior, a atribuição de um valor categórico, deôntico ou epistêmico, ao verbo dever é problemática. Como saber ao certo se uma obrigação está sendo imposta aos novos profissionais por parte da Prefeitura ou se estamos diante de uma previsão feita a partir de dados disponíveis? Por outro lado, é possível que, neste contexto, o sentido deôntico de obrigação implique o sentido de probabilidade com uma inferência do tipo: 'se os professores terão a obrigação de iniciar as aulas ainda este semestre, isto provavelmente vai acontecer'. Também neste caso, o escopo do verbo dever é ampliado na medida em que a gramática passa a iconicamente codificar o processo mental do falante diante da situação.

(5') os novos profissionais devem (os novos profissionais) começar a dar aulas ainda este semestre

(5'') os novos profissionais começar a dar aulas ainda este semestre/ deve

### 3. Processos de mudança

Estamos constantemente estendendo nossas polissemias na medida em que sempre nos deparamos com situações que não são exatamente iguais às que vivenciamos antes e, para expressá-las, utilizamos as opções formais disponíveis. Se os novos sentidos são socialmente aceitos, passam a ser a norma e teremos assim estendido a categoria. Segundo Traugott (1989), o desenvolvimento do sentido epistêmico insere-se em uma tendência geral de mudança segundo a qual os sentidos tornam-se cada vez mais subjetivos e baseados na atitude do falante

---

<sup>4</sup> Jornal do Brasil, 06/05/98.

diante da situação expressa na proposição e esta mudança é atribuída à convencionalização de uma inferência pragmática.

Não há nada de novo na postulação de que implicaturas conversacionais podem derivar novos usos. Grice (75) já dizia que não era impossível que aquilo que era implicado conversacionalmente pudesse ser depois convencionalizado. Levinson (83) sugere que as implicaturas derivadas da obediência ao princípio cooperativo e às máximas que regulam a conversação interessam à teoria lingüística porque à medida que são rotineiramente associadas ao conteúdo semântico passam a com ele ser confundidas e cristalizam-se, desencadeando tanto mudanças semânticas quanto sintáticas. Também em Sperber e Wilson (86) as inferências pragmáticas são examinadas como função da comunicação humana, vista como essencialmente inferencial. O mecanismo inferencial regulado pelo princípio de relevância preenche o hiato existente entre as representações semânticas das sentenças e os pensamentos realmente comunicados pelo falante. A literalidade ou a identidade entre a forma proposicional do pensamento e do enunciado é um caso limite mas não a norma; o que importa é a busca da relevância. Se quero comunicar o pensamento P, muito complexo para ser expresso literalmente, posso fazer uso de Q, que não é exatamente uma representação do meu pensamento mas com ele partilha de uma série de propriedades.

A despeito do modelo pragmático a ser usado para o cálculo das implicaturas, é importante ressaltar, por outro lado, que se a mudança lingüística pode ser desencadeada localmente por uma implicatura conversacional, uma vez a reanálise tenha ocorrido, os novos sentidos se encaixam em um padrão metafórico mais amplo pois passam a ser utilizados em situações em que a correlação sentido/ contexto original não mais existe.

No caso dos usos deôntico e epistêmico de dever, o que vemos é um mapeamento mais amplo entre domínios que aparentemente não têm nenhuma relação entre si: as relações no mundo sócio-físico e os processos epistêmicos. Segundo o modelo proposto por Sweetser (84/90) e Johnson (87), a mente humana tem a capacidade de transferir conteúdos de um domínio cognitivo, o domínio-fonte, para outro, o domínio-alvo. No caso de dever, a necessidade/conveniência/obrigação de realizar determinada ação é interpretada como uma força que move um objeto em direção à determinada ação. Considerando que este mesmo esquema imagético projeta-se no domínio-alvo das relações epistêmicas, essa força passa a ser exercida pelas premissas que orientam nossos processos de raciocínio.

#### 4. Observações finais

A pesquisa que procura investigar os processos cognitivos envolvidos na mudança lingüística tem muitas limitações. Não é possível reproduzir as condições e contextos em que os novos usos se desenvolveram e, em alguns casos, não é sequer possível identificar os usos anteriores a determinado valor. Uma das tarefas da pesquisa na área é verificar se desenvolvimentos já documentados e analisados em algumas línguas encontram paralelos em outras línguas. Nesta

perspectiva, a indeterminação do significado de algumas ocorrências do modal *dever* é tomada como reflexo da trajetória de desenvolvimento do verbo. A análise de exemplos de língua em uso sugere que o sentido epistêmico pode ter surgido de uma implicatura conversacional derivada do sentido deontico. Além das conseqüências semânticas e pragmáticas, a mudança neste caso tem também conseqüências estruturais. Com a ampliação do escopo do modal, a gramática passa a iconicamente codificar o processo mental do falante diante da situação. O novo sentido se estende a contextos diferentes ao uso anterior porque ambos se encaixam em um padrão metafórico mais amplo.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BYBEE ET AL (1994) *The Evolution of Grammar: Tense, Aspect and Modality in the Languages of the World*. The University of Chicago Press.
- GRICE (1975) *Logic and Conversation*. In: Cole & Morgan, 41-58.
- LEVINSON, E. (1983) *Pragmatics*. Cambridge University Press.
- JOHNSON, M. (1987) *The Body in the Mind*. The University of Chicago Press.
- SPERBER, D. & D. WILSON (1986) *Relevance*. Basil Blackwell Ltd.
- SWEETSER, E. (1984) *Semantic structure and semantic change: a cognitive linguistic study of modality, perception, speech acts, and logical relations*. Tese de Doutorado, Universidade da Califórnia, Berkeley.
- \_\_\_\_\_ (1990). *From Etymology to Pragmatics*. Cambridge University Press.
- TRAUGOTT (1989) *On the Rise of Epistemic Meanings in English: an Example of Subjectification in Semantic Change*. *Language* 65:31-55.